



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO LETRAS ESPANHOL**

THIAGO MARINHO DA SILVA

O EROTISMO VELADO: UMA ANÁLISE DA POESIA DE DELMIRA AGUSTINI

**CAMPINA GRANDE
2019**

THIAGO MARINHO DA SILVA

O EROTISMO VELADO: UMA ANÁLISE DA POESIA DE DELMIRA AGUSTINI

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado ao Curso de Letras Espanhol, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras com habilitação em Espanhol.

Área de concentração: Análise Literária

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Thiago Marinho da.
O erotismo velado [manuscrito] : uma análise da poesia de Delmira Agustini / Thiago Marinho da Silva. - 2019.
35 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva ,
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Poesia erótica. 2. Aspectos sociais. 3. Erotismo. I. Título
21. ed. CDD 801.95

THIAGO MARINHO DA SILVA

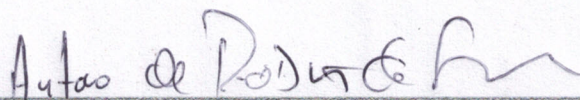
O EROTISMO VELADO: UMA ANÁLISE DA POESIA DE DELMIRA AGUSTINI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Espanhol, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras com habilitação em Espanhol.

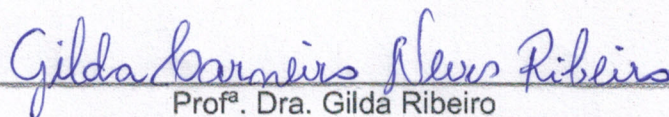
Área de concentração: Análise Literária.

Aprovada em: 11/12/2019

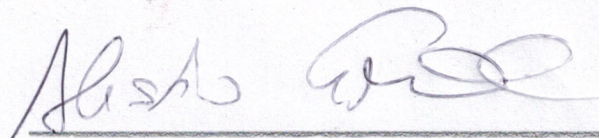
BANCA EXAMINADORA



Prof.º Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dra. Gilda Ribeiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.º Mestre Alessandro Giordano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todos aqueles que estiveram ao meu lado nessa etapa da minha vida, pelo companheirismo e amizade, DEDICO.

Bebamos juntos em la copa egrégia!

Raro licor se ofrendá à nuestraa almas.

Abran mis rosas su frescura regia

A la sombra indeleble de tus palmas!

(AGUSTINI)

SUMÁRIO

1	INTRODUCCIÓN.....	11
2	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTORICA DA SOCIEDADE.....	12
2.1	A sociedade hispano americana do século XX.....	12
2.2	A condição social da mulher hispano americana do século XX.....	13
2.2.1	A mulher uruguaia em meio a sociedade.....	14
2.2.2	Obras e influencia de Delmira Agustini na sociedade uruguaia	15
3	O EROTISMO	17
4	ANÁLISE GERAL DAS OBRAS DE DELMIRA AGUSTINI.....	20
4.1	Análise do poema “La copa del amor”	25
5	Conclusão.....	28
6	Referências	30
7	ANEXOS – DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS	32

O EROTISMO VELADO: UMA ANÁLISE DA POESIA DE DELMIRA AGUSTINI

Autor: Thiago Marinho da Silva*

RESUMO

Neste artigo analisa-se o erotismo velado na poesia de Delmira Agustini, correlacionando esta temática a aspectos sociais trazidos à tona pela autora em seus escritos. Abordamos aspectos sociais da época em que ela viveu e que foram refletidos em suas obras, temas estruturadores do erotismo ou que dão sustentação à irrupção desse sentimento muitas vezes não materializado, mas sentido apenas no plano do desejo. O artigo parte da discussão teórica sobre o erotismo, para assim identificar ou não se há a presença desse elemento na poesia da autora. Lúcia Castello Branco (2004) e George Bataille (1987), dentre outros, fundamentam a visão que trazemos sobre essa temática. Nossa hipótese parte da afirmação de que há um erotismo sutil anunciado nos poemas, uma espécie de balbucio e, em alguns casos, um erotismo mais “caliente”, inflamado. Destacamos as influências das obras de Delmira Agustini na época, e dessa forma refletimos sobre a presença explícita ou velada do erotismo na escrita da autora. O objeto de estudo é analisado à luz do inventário linguístico selecionado pela autora para abordar o tema como possibilidade de escrita à época em que viveu e escreveu os poemas. Como metodologia do trabalho, partimos da visão geral sobre o erotismo na poesia da autora para, depois, nos centrar no poema “La copa del amor”.

Palavras-chave: Erotismo. Delmira Agustini. Poesia erótica.

RESUMEN

En ese artículo, vamos hacer una análisis del erotismo velado en la poesía de Delmira Agustini, correlacionando esta temática a los aspectos sociales traído al público por la autora en sus escritos. Abordamos aspectos sociales de la época en que ella vivió y que fueron reflexionados en sus obras, temas estructuradores del erotismo o que dan sustentación a irrupción de ese sentimiento muchas veces no materializado, pero sentido apenas en el plano del deseo. El artículo parte de la discusión teórica acerca del erotismo, para que así, posamos identificar o no se hay la presencia de ese elemento en la poesía de la autora. Angélica Castello Branco (2004) y George Bataille (1987), entre otros, fundamentan la visión que traemos sobre esa temática. Nuestra hipótesis parte de la afirmación de que hay un erotismo sutil anunciado en los poemas, una especie de balbuceo y, en algunos casos, un erotismo más “caliente”, inflamado. Destacamos los influjos de las obras de Delmira Agustini en la época, y de esa forma reflexionamos acerca de la presencia explícita o velada del erotismo en la escrita de la autora. El objeto de estudio es analizado a la luz del inventario lingüístico seleccionado por la autora para abordar el tema como posibilidad de escrita de la época en que vivió y escribió sus poemas. Como metodología del trabajo, partimos de la visión general sobre el erotismo en la poesía de la autora para, después, nos centrar en el poema “La copa del amor”.

Palabras-llaves: Erotismo. Delmira Agustini. Poesía erótica.

* Graduando do Curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba – PB/
Thiago.marinho@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como principal objetivo fazer uma análise da poesia da autora Delmira Agustini. Além do erotismo também serão tratados outros aspectos que estão atrelados a esse estudo como a condição social e cultura da mulher hispano americana, em particular a mulher uruguaia do século XX, destacando a vida e a obra da autora. Partimos da hipótese de que o erotismo circunscrito na poesia da autora pode ser um ponto de referência histórico e cultural para se entender visões sobre homens e mulheres à época de publicação das obras da autora. Não que estejamos estabelecendo uma relação direta em que a literatura espelhará a realidade da escritora, mas defendendo que a escrita de um autor e de uma época carrega consigo marcas de um momento que pode fazer o leitor compreender como se davam as posições de gênero e poder que condicionavam os lugares dos corpos na estrutura social.

Para um melhor entendimento e interpretação do nosso trabalho, faremos uma breve apresentação sobre o contexto histórico da sociedade hispano americana, assim como apresentaremos de forma mais resumida a situação que a sociedade uruguaia viveu naquela época, para que possamos entender um pouco mais sobre a sociedade que a escritora Delmira Agustini viveu, e não apenas isso, mas também ver se a sociedade influenciou de alguma forma em seus escritos. Esse dado é importante porque corrobora o que foi dito no parágrafo anterior: a situação social dos lugares de onde falam os sujeitos são, principalmente, fontes de pesquisa para quem intenta uma leitura ou crítica sociológica da literatura, como bem pensa Lima (2002).

Abordamos também, de forma breve e cabível em um artigo científico, a condição social da mulher hispano americana, e em particular a mulher uruguaia do século XX. No que diz respeito a aspectos como trabalho, educação e direitos voltados para às mulheres na sociedade hispano americana, e mais especificamente na sociedade uruguaia. Mostrar a visão que a sociedade tinha das mulheres que escreviam, estudavam ou/e trabalhavam, em outras palavras, mulheres que eram independentes, apesar dessa independência estar vinculada a determinadas concessões socioculturais dadas pelos grupos de poder porque, no que diz respeito ao erotismo, percebe-se que a voz que fala nos poemas pode apontar para um discurso velado sobre o tema e isso pode significar tanto uma escolha autoral de não explicitar desejos íntimos, como também pode ser fonte direta de coerção às escritas de mulheres em relação a determinados temas considerados inapropriados.

Apresentar de forma mais resumida, porém tentando abranger os principais momentos da vida da autora, assim como suas obras e como ela se destacou naquela época, principalmente, no meio literário, visto que à época e na sociedade em que ela viveu a literatura era algo exclusivo para homens. Destacando alguns pontos de sua vida e as influências que suas obras e escritos trouxeram para a sociedade daquela época.

E antes de partimos para a análise do poema, vamos traçar um caminho pelo erotismo, para que possamos identificar no mesmo no poema que será analisado e também em alguns trechos de outros poemas da mesma autora, fazendo a análise do erotismo, mas também apresentando outros aspectos como um panorama do erotismo presente na poesia da autora como forma de introduzir o leitor no universo velado do poema a ser analisado.

O projeto está inserido em um estudo de cunho bibliográfico, qualitativo e documental, que vai apresentar a mulher na posição de escritora no início do século

XX escrevendo poesias, em que algumas dessas poesias são com tema erótico. Vamos ter como *corpus* integral para análise o poema *La copa del amor* (*Los cálices vacíos*, 1913), além de outros poemas extraídos das demais obras de Delmira Agustini. Esses outros poemas serão trazidos à tona para formar o panorama que pretendemos, antes de fazer a análise de um poema que represente o erotismo da autora conforme defendemos. Essa parte breve será vista como uma espécie de panorama, chamado de visão geral, porque, antes de adentrarmos à leitura aprofundada de um poema, chamamos a atenção para a mesma imagem do erotismo velado que se realiza em vários outros poemas de outras obras da autora.

O aspecto principal que será investigado no poema da autora é o erotismo e as críticas que seus poemas fazem à visão corrente que percebia o erotismo masculino centrado numa ideologia pornográfica que submetia o corpo feminino à objetificação, enquanto a escritora retoma a noção de erótica como um modo de tratar o desejo e o sexo feminino de modo singular, sutil, velado. Além disso, outros aspectos que poderão ser relacionados à época em que a escritora viveu, seus escritos e a relação com a sociedade de maneira geral, a posição da sociedade da época a respeito dos escritos de cunho erótico da autora que será tratado neste estudo época (essa relação será tratada nas considerações finais).

Examinaremos alguns artigos como *OS CÁLICES VAZIOS: tradução e erotismo em Delmira Agustini* (2017) de Machado, para que possamos compreender um pouco mais sobre a obra da escritora Delmira Agustini e de seus escritos e também outros poemas que nos ajudarão a conhecer, não apenas a obra da autora, mas também um pouco sobre a vida dessa poetisa e o contexto histórico em que viveu.

E para que possamos fazer uma análise mais profunda do poema nos embasaremos no livro *A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira* (1999), de Soares, com ele vamos entender os aspectos presentes no poema que trabalha e/ou identifica a presença do erotismo. Como também algumas outras obras que nos ajudaram a compreender não apenas a condição feminina da época, mas também outros aspectos que serão vistos de forma breve para o complemento desse estudo.

E ao final iremos analisar o poema *La copa del amor* de Delmira Agustini, o poema citado faz parte do terceiro e último livro da autora publicado ainda em vida. O poemário tem como título *Los Cálices Vacíos*. A análise do poema se dará com uma investigação onde apresentamos e discutimos a presença do erotismo no poema da escritora, chamando a atenção para o seu modo velado ou mais materializado de existir enquanto linguagem. Vamos considerar alguns aspectos como os códigos de linguagens, superação da dicotomia entre o corpo e o espiritual e se há ou não a ruptura dos paradigmas patriarcais de subjetividade. O inventário linguístico escolhido pela autora e as imagens construídas serão os suportes de leitura para que desenvolvamos a interpretação do poema tomado como corpus de análise.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA SOCIEDADE

2.1 A sociedade hispano americana do século XX

Com o propósito de cumprir com nosso objetivo de estudo, neste primeiro momento vamos apresentar, de forma curta, alguns aspectos que pretendemos discutir sobre a sociedade hispano americana de maneira geral. Algo importante que vamos apresentar, é que faremos uma breve introdução sobre a sociedade em que a autora Delmira Agustini viveu Uruguai. Para que possamos entender um pouco mais da sociedade em que a autora estava inserida e seu posicionamento diante dos códigos de conduta de gênero e dos corpos da mesma, pensamos que a dicção escrita dessa escritora pode revelar aspectos referentes aos modos como eram vistas as mulheres contemporâneas a ela.

No final do século XIX e início do século XX os países hispanos americanos passaram por um processo de reconstrução de forças, que ficou marcado pela violência cotidiana pós-guerra. A utopia de liberdade e seus diversos recursos naturais não supõe um avanço na economia da sociedade, senão uma nova dependência das empresas multinacionais. A população hispano americana se encontra, ao longo do século XX, entre a exportação de seus recursos naturais e a pobreza de muitos dos habitantes dominados por uma minoria com alto poder aquisitivo. Evidente que em um cenário de pobreza e de exploração de trabalho de uma maioria, as relações entre corpo, desejo e gênero são pouco pensadas porque as pessoas canalizavam suas forças para tentar sobreviver. Falar sobre desejo, corpo erotismo parece ser uma questão mais presente em escritos de pessoas socialmente privilegiadas.

2.2 A condição social da mulher hispano americana do século XX

É difícil de acreditar que no início do século XX a sociedade acreditava que as mulheres não eram “capacitadas” para fazer coisas fora de casa, como trabalhar em empresas, ter uma profissão, ser bem sucedida, estudar ou até mesmo ter o direito de escolher seu representante político, ou seja, o direito de votar. Segundo Andero (2002), apenas depois da metade do século XX que as mulheres ganharam o direito de voto na sociedade, direito que elas conseguiram depois de muita luta do feminismo histórico, movimento que tem uma forte ressonância política.

Esse movimento político esta presente desde inicio da preocupação com a história das mulheres. Graças a esses movimentos que houve diversas mudanças na historiografia¹, possibilitando o processo de “aparição” das mulheres no meio social. Fazer como que as mulheres fossem vistas, entendidas e ouvidas na historia se converteu em um dos objetivos dos estudos sobre as mulheres, tinham que apresentar e trazer à tona os projetos, trabalhos e funções que as mulheres desenvolveram e criaram durante toda historia e nas diferentes sociedades em que viviam, assim como valorizar seu desempenho e contribuição em meio e para a sociedade.

No século XX, assim como antes disso, as mulheres tinham como único e exclusivo papel e obrigação cuidar de casa e quase não eram mencionadas por seus nomes, no geral era conhecidas como filha de... Esposa de... Mãe de... Não perdiam apenas seus nomes para dar espaço ao nome de algum homem que a “representasse”, mas ficavam como a cuidadora da casa.

A mulher é ensinada e condicionada desde antes de seu nascimento a como se comportar em meio à sociedade em que vai viver, sempre limitada desde muito

cedo. Studart (1983) em *Mulher objeto de cama e mesa* nos mostra alguns relatos que acontecem com as mulheres ainda quando meninas:

Para prepará-la condignamente para sua profissão futura (de esposa) a sua educação é minuciosa. Enquanto o menino é solto, a menina é **presa**. [...] Em casa, a menina assimila os probleminhas da mãe (a empregada que furtou o batom, o pudim que se queimou, o romance da telenovela que acabou mal). (STUDART, 1983, p. 14) **Grifos do autor**.

São situações como a que foi relatada por Studart que aconteciam e ainda hoje acontecem em algumas sociedades. Acreditar que a mulheres são “incapazes” e que nasceram para cuidar do lar é uma ideia que ficou fixada na cabeça de algumas pessoas e também em algumas sociedades do mundo em que vivemos. É por esse motivo que muitas pessoas lutam por essa causa, para que possa haver igualdade entre mulheres e homens, para que todos sejam tratados de forma justa e de igual para igual dentro de suas condições na sociedade em que vivem.

Desse modo, cabe investigar o discurso poético da autora com a intenção de revelar o tipo de erotismo presente em seus poemas, porque habitando cenários políticos e económicos como esse descrito, não se pode esperar que reflexão sobre o *si mesmo*, sobre desejos sejam comuns, quando toda uma sociedade irradia valores e modos de ser e de se comportar principalmente para as mulheres que são tidas como cidadãos de segunda categoria e, por isso, necessitavam serem vigiadas, controladas em seus corpos, suas falas, seus modos de ser e de estar no mundo. Defendemos que a igualdade de gênero passa pela liberdade que cada um tem de usufruir do seu corpo em relação aos desejos mais íntimos que tornam o indivíduo, ele mesmo, livre para se pensar, para se empoderar a partir daquilo que lhe é vital.

2.2.1 A mulher uruguaia em meio a sociedade

A sociedade uruguaia passava por diversas mudanças no século XX, se distingue quatro etapas nessa época: a consolidação da democracia política e a reforma social, as crises econômicas e a restauração da democracia, a atomização dos partidos tradicionais e o crescimento dos partidos da esquerda juntamente com a ditadura militar e por fim a entrada uruguaia ao MERCOSUL.

Esses acontecimentos no país influenciaram vários aspectos sociais como, por exemplo, na legislação do trabalho. Barrán (1995) descreve um pouco da situação uruguaia no século XX, relatando que a legislação do trabalho era protetora dos obreiros e também defendiam outras classes populares.

No ano de 1907 se promulga a primeira lei de divórcio, lei 3.245, pondo como causas de dissolução do matrimônio a morte. Exatamente falando, poder-se-ia conceder o divórcio “por adultério da mulher em todos os casos ou do marido dentro do lar conjugal, ou com escândalo público; por tentativa de um dos cônjuges contra a vida do outro; por atos graves de violência, por injúrias graves e frequentes e maus tratos do marido. E admitiu o divórcio por mútuo consentimento dos cônjuges.” (PLAN CEIBAL/FORMACIÓN, 2015). A lei de divórcio é importante avanço para as mulheres que foram acostumadas a estarem socialmente sob as ordens masculinas. O divórcio torna a mulher mais independente, sem a necessidade de ficar ao lado do

outro, pelo matrimônio, durante toda a sua vida. Há, para elas, também para eles, a possibilidade de refacção de vida.

A lei passou por algumas modificações no ano de 1910, mas no ano de 1913, com a lei 4.802 que modifica a primeira lei de divórcio (3.245), autorizando o divórcio onde a mulher, por vontade própria, podia pedir a separação. Com isso Uruguai foi o primeiro país latino americano que concedeu o divórcio por vontade da mulher em 1913. O divórcio em si, todavia, não garante liberdade e emancipação das mulheres. Trata-se apenas de um dispositivo que, talvez, pudesse favorecer mais aos homens do que às mulheres, porque eles teriam mais oportunidades de refazerem vidas com outras mulheres, cargo ainda difícil para mulheres hoje que, após separação, geralmente carregam consigo o peso de ser mãe, educar filhos, etc.

Com isso, no início de XX a condição da mulher uruguaia, assim como em outras sociedades, começou a se modificar. As mulheres começaram a entrar no mercado laboral, tiveram direito à educação entre outras diversas coisas mais, as mulheres pouco a pouco foram convertendo seu papel na família e vistas como sujeitos importante na vida social, econômica e política do país.

No Uruguai podemos discutir sobre a educação para as mulheres a partir do ano de 1911. Segundo Sosa (2017), é o ano em que começaram as discussões sobre os projetos de criação de instituições de ensino secundário público no Uruguai.

2.2.2 Obras e influencia de Delmira Agustini na sociedade uruguaia

Partiremos agora para a apresentação da escritora Delmira Agustini, de modo breve. Para discutir de modo conciso este aspecto, nos apoiamos em Martínez (2017) e Machado (2017).

Ela nasceu na cidade de Montivideo, no Uruguai, em 24 de outubro de 1886 e foi assassinada por seu ex marido no ano de 1914, com apenas 27 anos. Filha de María Murfeld Triaca (argentina) e Santiago Agustini (uruguaio), teve um irmão mais velho chamado Antonio. Desde pequena sempre mostrou interesse pelos estudos e artes. Demonstrava ser mais inteligente que as garotas da sua idade. Com apenas 10 anos de idade já escrevia seus primeiros versos, estudava francês, tinha aula de piano e pintura, as aulas de pintura levaram a autora pintar quadros encantadores, também chegou a escrever alguns versos em francês.

A uruguaia Delmira Agustini fez sua entrada na literatura através da poesia, fazendo parte do que conhecemos como modernismo hispano americano. Publicou durante sua vida três livros: *El libro blanco* em 1907; *Contos de la mañana* em 1913 e *Los cálices vacíos* em 1913. E em 1924, alguns anos depois de sua morte, foram publicados dois livros, com alguns poemas da autora, que foram encontrados chamado *El rosário de eros* y *Los astros de abismo*.

Suas primeiras publicações foram na revista "*La alborada*" e logo depois em "*Apolo*" cujo diretor era o poeta Manuel Pérez e Curtis. Segundo seu livro póstumo, *Los astros del abismo*", o primeiro poema que foi publicado pela autora Delmira Agustini foi um poema chamado "*Poesia*".

Delmira Agustini jamais se apoiou em escritores masculinos, e não recorreu à linguagem vulgar. Seus escritos eram como "peças metafóricas" repletos de sensualidade que transcendiam o sexo e o amor, os levando a um plano que podemos considerar como sagrado. A linguagem sensual para se referir ao corpo e

ao erotismo fica restrita a imagens veladas, discurso contido ou comedido, distante de um erotismo usado por muito de modo mais explícito. Isso não significa que tem mais valor que outro tipo de erotismo, apenas que pode ser o estilo da pessoa ou, como podemos ver também, revelar um modo de se expressar para não causar escândalo diante de valores masculinos no campo da escrita de ficção.

Em 1912 Rubén Darío, um grande poeta hispano americano e criador do movimento modernista, ficou impressionado com as poesias de Delmira Agustini e foi conhece-la. Suas palavras para a poetisa foram as seguintes: *“De todas las mujeres que hoy escriben en verso ninguna ha impresionado mi ánimo como Delmira Agustini...”* (Escritores.org, 2013).

Martínez (2017), em seu livro, nos apresenta um pouco sobre o lado íntimo da autora, nomeando-a como inteligente, culta, educada, simpática, cortês e muito admirada, sendo de boa família, falando também outros pontos da vida pessoal de Delmira Agustini, como seus relacionamentos, não lhe faltaram pretendentes que ficaram encantados por ela, mas em toda sua vida a escritora só teve dois noivos: um jornalista que nasceu na cidade de Minas, no departamento de Lavalleja, chamado Amancio D. Solers, com quem chegou a se comprometer, mas não passou disso, ela o conheceu nas viagens que fazia, ela acompanhava sua mãe ao hospital de Don Luis Curbelo Baez, onde sua mãe recebia um tratamento. O outro, Enrique Job Reyes, um rematador nascido em Florida, com quem esteve noiva durante 5 anos, até que decidiram se casar.

Delmira Agustini se casou em 1913 com Erique Job Reyes, um jovem comerciante. Mas com exatos 58 dias de casada Delmira volta a casa de seus pais, ninguém sabe ao certo o que de fato aconteceu, existem relatos que dizem que talvez isso tenha acontecido devido a algumas cartas que Delmira enviava para Manuel Ugarte. A escritora dá a entender em algumas de suas cartas que poderia esta gostando ou, até mesmo, dependendo da interpretação, que poderia ter se relacionado com Manuel Urgate. Além disso, em suas obras descrevia algumas cenas com amantes e romances vividos tão bem detalhados que deixa qualquer um na dúvida se esses romances e cenas já existiram ou, realmente, só foram vivenciados em seus versos, isso a autora levou com ela, pois ele não era um tipo de pessoa de falar muito ou ter muitos amigos. Martínez (2017) diz que neste dia Delmira chega à casa de seus pais desesperada e farta da situação que estava vivendo com Erique Job Reyes. Depois esse dia a relação com seu marido continuou, mas eles viviam como amantes até a que se separassem legalmente.

Vale destacar que Delmira Agustini foi a primeira mulher uruguaia a pedir o divórcio por vontade própria, depois da separação ela continuava encontrando seu ex marido e ate o dia de hoje não se sabe por que ela continuou o vendo. Alguns relatos dizem que ela estava querendo ter uma separação agradável e amigável, por isso continuava a se encontrar com seu ex marido, mas foi encontrada uma carta de Reyes que dizia que sabia de um segredo da família da escritora e que talvez ele usasse isso para ameaça-la, mas não se sabe ao certo do que se tratava esse segredo, a única informação que se tinha sobre isso era que que a questão estava relacionada às intimidades sexuais.

No dia 6 de junho de 1913, Delmira Agustini foi assassinada por seu ex marido Enrique Reyes, em uma casa alugada onde os dois se encontravam depois que se separaram. Ele a matou com dois tiros na cabeça e logo depois se suicidou. No quarto em que os corpos foram encontrados havia varias fotografias e quadros de Delmira, as informações que circularam na época era que ele, seu ex-marido, tinha uma grande obsessão por Delmira. Essa obsessão pode ser traduzida também

como relações de poder e posse do masculino sobre o feminino, porque o contexto social em que viveram, como em todo o continente americano, estava, à época, amparado em seus valores na lógica do homem como centro de tudo e os demais, como subalternos ou categorias inferiores, a exemplo das mulheres. No Brasil, por exemplo, o homem matar a mulher por questão de traição da parte dela era comum e acordado tacitamente entre os homens. Ainda hoje, também no Brasil, existe um índice muito grande de mulheres mortas por seus companheiros em razão dessa dinâmica de posse por parte desses homens que incorporaram a lógica patriarcal e sexista de viver com as mulheres.

Delmira Agustini foi uma mulher que viveu a frente do seu tempo, podemos dizer que ele viveu como queria e fez coisas que para a sociedade em que viveu eram consideradas “escandalosas” para uma mulher fazer, ela desafiou a sociedade da época com seus escritos, ela escolheu viver como quis, *“una mujer que se atrevió a expresar el deseo femenino sin ningún tipo de cadena, hablar de una poetisa extraordinaria, monumental y exquisita, de un nivel lírico que pocos escritores han alcanzado y alcanzarán en la literatura universal.”*(MARTÍNEZ, 2017). Isso dá sentido ao erotismo presente em suas obras, uma vez que, à frente do seu tempo, de temperamento um tanto independente, falou do corpo e do ser mulher sem muitas preocupações morais, apesar de muito do seu erotismo aparecer velado.

3 O EROTISMO

Discutir o erótico, inicialmente, parece ser uma atividade complexa, porque o tema em si desperta varias ramificações e interpretações, a ponto de ser visto sob a óptica da moral, do hedonismo ou mesmo da natureza humana. Marcuse (1968, p. 34), quando inicia sua discussão em torno da tese defendida (Eros e Civilização), parte da problematização do homem animal para chegar à imagem do homem civilizado ou ser humano. Para isso, estabelece uma comparação que aponta para a transformação psíquica de um para outro, numa dimensão linear:

Quadro 1: Transformação do homem animal para o Homem Humano

Homem animal	Homem humano
De:	Para:
Satisfação imediata Prazer Júbilo (atividade lúdica) Receptividade Ausencia de repressão	Satisfação adiada Restrição do prazer Esforço (trabalho) Produtividade Segurança

Fonte: Marcuse, *Eros e Civilização*, 1968, p. 34

A discussão que o teórico faz leva em consideração o capitalismo enquanto sistema dominante nas sociedades ocidentais. Dessa forma, quesitos como produtividade e esforço surgem como modos de restringir ou mesmo apagar a libido, o *eros* presente no indivíduo ou no indivíduo mais “natural”. Ainda assim, ao tratar desse erótico, aponta para uma psicologia mais primitiva do sujeito cuja dinâmica de existência pautava-se pela “satisfação imediata”, pelo “prazer” e “ausência de repressão”, fatos livremente rechaçados na fase humana, quando o homem, em

busca de uma maior segurança, adia a satisfação pela restrição do prazer. Se pensarmos por esse caminho, podemos dizer que a erótica de Agustini distancia-se da perspectiva mais humana e aproxima-se mais do lado animal ou primitivo do homem, quando canta em sua poesia o erótico mais sensual, mais livre, não rechaçado, mesmo em face de uma linguagem velada, cifrada para falar dos desejos, do eros feminino presente em sua poesia.

Essa veia libertária em Agustini também se aproxima da concepção de erótico refletida por Castello Branco (2004, p. 7), quando ela afirma da dificuldade de traduzir o erótico:

Definir erotismo, traduzir e ordenar, de acordo com as leis da lógica e da razão, a linguagem cifrada de Eros, seria caminhar em direção oposta ao desejo, ao impulso erótico, que percorre a trajetória do silêncio, da fugacidade e do caos. O caráter incapturável do fenômeno erótico não cabe em definições precisas e cristalinas – os domínios de Eros são nebulosos e movediços.

A dificuldade de definir o erótico encontra apoio em vários estudiosos. Para Moraes e Lapeiz (1985), o erotismo quando trazido à tona de modo visceral, natural, despidorado, adquire uma feição obscena, feia, suja porque baseado no “sintoma” da pornografia. Esta, por sua vez, surge em espaços sociais problemáticos do ponto de vista das liberdades, do respeito aos outros. A pornografia assume uma corporeidade naturalista, escancarada, segundo o modelo clichê. Nessa perspectiva, a visão erótica pode também ser pornificada, de acordo com a necessidade ou intenção do autor. Castello Branco (2004), por sua vez, a respeito tanto da pornografia quanto do erotismo, afirma que o erotismo “corresponde a uma modalidade não utilitária de prazer exatamente porque propõe o gozo como fim em si” (p.24), diferentemente da pornografia que, à luz da mesma autora, “estará sempre vinculada a outros objetivos: o prazer depende do pacto com a ideologia que ela veicula” (p. 24).

Nesse sentido, a pornografia não é uma escrita estritamente masculina, mas tem se estabelecido no ocidente como sendo assim, uma vez que já se perguntou (a própria Lúcia Castello Branco, em 1991, discute a questão) se a escrita feminina é diferente da escrita masculina, se há ou não uma escrita e linguagem de homem e uma escrita e linguagem de mulher. Pensar nessa dicotomia não é uma saída boa, mas essa problemática já foi assunto de interesse de vários estudiosos/as porque admitia-se, e ainda há quem admita, que homens escrevem de modo pornográfico sobre o corpo, o sexo e as mulheres escrevem de modo mais erótico. Isso porque, segundo afirmam as pessoas, de acordo com o imaginário delas, as mulheres estão mais preocupadas consigo, com seus corpos, seus sentimentos em relação aos homens. Estes, por sua vez, estão mais interessados nas ideologias que representam e em tornar os outros objetos de prazer.

Por esse aspecto, pode-se pensar como Franconi (1997, p. 17), quando afirma que, em se tratando do erotismo, este “não tem por objeto o enfoque do ato sexual em si, mas a infinita gama de matizes sensuais que presidem a intimidade entre os sexos. É o despertar da excitação sexual e o seu consequente prolongamento, privilegiando-se o estado de desejo sobre o ato sexual consumado”, ou seja, a versão pornográfica do desejo centra-se no ato sexual que é consumado e de várias formas e exibições seja do ponto de vista do corpo, do detalhe, da linguagem usada ou dos acessórios que chegam a fazer parte desse momento. No

caso do erotismo, o desejo sexual ou o próprio ato sexual é “instalado” (no texto literário) para o prolongamento do desejo, não para a excitação rápida, efêmera, sem reflexão ou conhecimento de si, do corpo.

Vê-se que Delmira Agustini envereda por esse campo de reflexão e exposição do erotismo: há uma valorização do corpo feminino e do corpo masculino, não uma degradação ou um uso reificado dos corpos como acontece na violenta batalha travada entre os corpos pornificados. As imagens que trás à tona para falar do desejo, mesmo quando passíveis de ponderações por serem “peças de encaixe e de serem encaixadas” (relacionadas ao pênis e à vagina), trata-se de um modo velado de aludir à materialização física do contato sexual, deixando marcas linguísticas que nos apontam para um erotismo destilado, depurado, sensível, sem que nenhum desses adjetivos remeta a uma escrita submissa, incapaz ou menor.

Esse erotismo sensível e velado, talvez, faça referência àquilo que Butler (2010), por outros caminhos e intenções, chamou de “cuerpos que importan”. Em sua discussão filosófica em busca da defesa de um feminismo pós-estruturalista, muitas vezes chamado também de lésbico ou *queer*, interroga sobre os binarismos ocidentais como corpo e alma. Em se tratando do feminino, por exemplo, a questão para ela merece atenção por causa dos vários usos de poder sobre o corpo feminino e a convenção, em alguns momentos, de que a alma feminina é inferior, subjugada.

Em sua linha de pensamento, que corrobora, de certo modo, a escrita erótica de Agustini, parece ser desnecessários estabelecer que “si el cuerpo y el alma son una solo cosa; tiene tan poco sentido como preguntarse si la cera y la forma que le da el sello son una sola cosa” (p. 61). O corpo, na visão figurada que Agustini dá ao feminino, reitera a dimensão mais filosófica com a qual trabalha Butler (2010): um tratamento diferencia ao corpo porque ele pesa, ele importa, ele tem sentido. Na escrita da poetisa em análise, o corpo adquire uma importância singular, daí o tratamento linguístico dado ao desejo, ao modo de falar do desejo, ao retardamento do gozo.

Bataille (1997), tão logo introduz o assunto em sua obra, chama a atenção para o fato de que “apenas os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica” (p. 19). A separação entre erotismo e prática sexual está centrada na ideia de que enquanto prática ou ato sexual, o indivíduo preocupa-se com a reprodução e com a prole, diferentemente de quem vive o erotismo porque procura gozar os sentidos do corpo e do outro como se tratasse de uma arte de sentir e de obter prazer de modo prolongado.

Por outro lado, o mesmo autor considera o impulso do erotismo como uma busca pela descontinuidade, uma procura; ele também fala que essa procura leva consigo algo como uma nostalgia, fato que lembra o que a personagem Aristófanes fala em seu discurso platônico. É nesse sentido que em culturas como a brasileira, nas relações de afeto e de amor, diz-se que a pessoa apaixonada encontrou a sua “outra metade” ou que toda busca da felicidade na pessoa de um outro recupera essa imagem platônica do andrógino, reiterada por Bataille (1997).

Essa visão do erótico como uma descontinuidade encontra explicação no mito do andrógino, que remete a Platão, como já dito. Se o andrógino foi partido e cada parte sua seguiu um rumo diferente, a busca pela outra metade se dá também através desse erotismo que busca e, ao mesmo tempo, quando o encontra, se desencontra, porque o momento erótico corporal só funcional quando os corpos se juntam, mas logo após o gozo ou o prazer de ter encontrado e satisfeito com o outro, a sua “cara metade”, os corpos se separam e voltam a desejar o reencontro.

Esse erotismo é tão particular que em língua francesa, quando se remete ao erotismo do corpo no momento do orgasmo, diz-se *la petite mort*, isto é, o gozo é tão rápido e intenso que congela os sujeitos envolvidos, como que a perderem o folego para, subitamente, reencontrarem-se satisfeitos e refeitos. Esse é o erotismo mais usado em literatura, principalmente pelos homens escritores.

O erotismo do sagrado diz respeito a toda relação desejante que é interdita em razão de valores e moral. Esse tipo de erotismo está ligado à prática do exercício sexual sem a conotação prazerosa (da carne) e hedonista porque confinado a uma instância de continuidade do ser em seu aspecto mais amplo, a saber, se no erotismo do corpo há uma busca pela sua “cara metade”, mas com conotação estritamente sexual, no erotismo sagrado há o encontro dos corpos potencialmente para a manutenção da espécie, porque esta está ligada aos laços sagrados ou místicos. O que vamos ver nos poemas trazidos à tona é a erotização da linguagem que traduz um misto dessas três vertentes, mas apontando para o prazer feminino como possibilidade de o sujeito se colocar como senhor de si, no caso, as mulheres.

Soares (1999) faz uma leitura da poesia erótica de Gilka Machado à luz dos pressupostos teóricos dados por Bataille (1987), logo, reproduz o pensamento dele. A novidade consiste naquilo que trazemos para este artigo: a aplicação de conceitos ao texto literário, principalmente a poemas escritos por mulheres. A visão do sagrado e da natureza são aspectos tornados relevantes por essa crítica literária, daí estabelecer caminhos interpretativos para nós, porque filia os conceitos a aspectos eróticos da autora que toma como referência para a análise que empreende. Ao longo das análises estaremos nos referindo a esse erotismo, mas trazendo outros autores e outras concepções para ampliar a leitura-análise, mas o fundamento da concepção de erotismo abraçada neste artigo é o de Bataille (1997) seguido de Castello Branco (2004).

4 ANÁLISES GERAL DAS OBRAS DE DELMIRA AGUSTINI

Quando fazemos menção a Delmira Agustini, as imagens que têm destaque são erotismo, religião e modernismo. Desde seus primeiros escritos, publicados na revista *La Alborada* (1902-1903), em seus poemas Delmira Agustini vai perfilando alguns motivos e obsessões presentes que tomam corpo em seus trabalhos posteriores. Como já mencionado, a autora publicou três livros, o primeiro *El Libro Blanco* (1907), nos apresenta seu enredo ao redor de três grandes núcleos: um reservado a estética, onde a escritora aporta importantes ideias de seu que artístico; outro ponto é que sempre traz o mistério e o interesse pelo desconhecido, algo recorrente da época, interconectando com o erótico; o terceiro ponto é que ela nos encanta com seus poemas ao trazer um conjunto de desejo, sexualidade, sensualidade, o imaginário místico da libido que chega em sua personificação mais acabada consecutivamente em *Contos de la Mañana* (1910) e *Los Cálizos Vacíos* (1913) seu último livro, publicado um ano antes de sua trágica morte.

Delmira Agustini é, das poetisas americanas contemporâneas, a primeira em seu tempo e por isso a mais próxima das formas modernistas. O primeiro livro

nos remete a um aspecto fundamental da poesia modernista considerada por antonomásia a estética do ritmo.

Em “*el intruso*”, poema de *El Libro Blanco* (1907), podemos notar tais aspectos nas denominações que a escritora utiliza para expressar o desejo feminino e a sensualidade de uma “noche” de amor, termos como “llave de oro”, “cerradura”, “puerta abierta”, “mancha de luz blanca”, entre outros que encontramos em todo o poema. Vejamos:

Amor, la noche estaba trágica y sollozante
 Cuando tu llave de oro cantó en mi cerradura;
 Luego, la puerta abierta sobre la sombra helante,
 Tu forma fue una mancha de luz de blanca.

...

Todo aquí lo alumbraron tus ojos de diamante;
 Bebieron en mi copa tus labios de frescura,
 Y descansó en mi almohada tu cabeza fragante;
 Me encantó tu descaro y adoré tu locura.

O poema é sustentado por uma espécie de dicção feminina que traz o espaço temporal noturno, propício para o viver dos amantes em suas práticas amorosas, como elemento estruturador do texto e do discurso mantido no mesmo. Observa-se que a noite tem uma carga semântica escura, não revelada, misteriosa. A noite é perigosa, esconde pessoas, atos e desejos. No campo do desejo, a noite vai favorecer a materialização do erotismo, seja de modo explícito ou velado, porque as pessoas, comumente, principalmente quando se trata de mulheres que viveram suas experiências de amor antes das décadas de 1980 do século 20, tinham apenas o espaço da noite para receber seus companheiros ou, na ausência deles, sonhavam de maneira mais livre.

Desse modo, o inventário linguístico do poema *El intruso* está carregado de um simbolismo que remete ao regime noturno, como diria Durand (2002). Quando tem esse aspecto, entende-se que o regime noturno é aquele que rege a vida das pessoas (por extensão dos personagens ou dos sujeitos textuais) em oposição à vida de pessoas que são regidas pelo regime diurno. Os hábitos noturnos diferem do diurno. Viver sob a égide da noite implica frieza, escuridade, esconder, introjectar. É a noite que as pessoas buscam derramar seus desejos; os trabalhos de oferendas são feitos, para muitos credos, na noite; amores são vividos, pessoas fogem durante esse período de menor visibilidade, em contrapartida, durante o dia, período de luz, da claridade, segredos podem ser revelados, práticas descobertas.

Neste sentido, o corpo feminino exposto no poema inicia sua linha interpretativa no título: *El intruso*. Apenas por analogia o título faz menção a um homem (ou a um desejo) que surge sem, inicialmente, ter sido chamado ou convidado. Um intruso é sempre alguém que se põe em um lugar de conversação ou de algo que está sendo feito sem ter sido formalmente chamado

para tal. Mas é para esse intruso que a mulher do poema se entrega e fala de seus desejos, para quem erotiza seu corpo em uma noite, momento propício para os clandestinos roubos de amor que se dá em pequenos lances. Ao tratar de si, de seu corpo erotizado, as imagens que surgem são várias.

A autora usa de termos como “mi copa” e “mi almohada” para fazer referência a seu corpo, ao corpo feminino e nessa mesma estrofe ela traz a presença do erotismo não só no corpo feminino, mas também quando usa as palavras “descaro” e “locura”, pois por ser erótico, o fazer literário inclui a violência e a desordem que estão paralelas, ou seja, essas duas palavras nos remete a um tipo de violação, e apesar do título fazer uma referência a um intruso, alguém não convidado, a pessoa que fala chama carinhosamente de “amor”. Um pouco paradoxal a presença de alguém que é chamado de intruso, quando o mesmo é chamado de forma carinhosa.

E para relacionar o amor e seu desejo, traz a imagem da “llave” (masculino) e da “cerradura” (feminino) como metáfora para o enlace sexual. Esta imagem corrobora o que foi dito sobre o regime noturno e se aproxima do desejo: é com mais frequência que pela noite que as portas fechadas são invadidas, abertas. Ou é com mais frequência que, pela noite, quando se quer portas são deixadas semiabertas para receber visitas que durante o dia não seria possível devido à claridade, pela visibilidade que os movimentos estranhos e intrusos poderiam causar. A “cerradura” funciona, então, como uma metáfora que se torna símbolo (maior) do corpo feminino diante da “llave” que abre ou que tem a possibilidade de abrir o feminino. E essa é a imagem erótica mais forte no poema *El intruso*.

Mas a imagem de “cerradura” e da “puerta”, no poema, como indicador de um aspecto masculino e o outro do feminino só diz respeito em relação ao corpo. Seria como se o corpo da mulher estivesse fechado, guardado, e necessitasse de ser aberto não por outro corpo, mas por uma “llave”, uma protuberância, ou seja, o masculino, o *falo*. A porta já estava aberta, logo, o homem poderia entrar tranquilamente ou menos destemido porque, apesar de intruso, está sendo esperado, é um convidado, aí se encontra a relação paradoxal inicial. A “puerta abierta” e posteriormente “mancha de luz blanca” são, talvez, alusão ao líquido seminal decorrente do derrame ao desejo estabelecido naquele momento. Corroboram a imagem erótica o “beber con los labios”. É notável que todas essas imagens sejam pensadas ou sentidas durante a noite, momento propício para o erotismo sexual aflorar.

A visão de erotismo empreendida pela poetisa no poema apresentado corrobora tanto com a visão de Bataille (2002) quanto com a de Soares (1999) e a de Castello Branco (2004), quando pensam em um erotismo a luz de uma consciência sagrada, essencial, primeiro porque alude não apenas a um desejo carnal, material, mas a uma questão contida no imaginário do sujeito referente ao místico. Aí pensa em um erotismo místico, neste caso, que envolve o corpo feminino erotizado unicamente a partir de imagens desejadas, devaneadas, não consumadas em sua concreção sexual. Por isso, então, em volta de um

misticismo, de uma não profanação do corpo material, mas desejado em sua instancia vital que conduz o sujeito para a beleza, para uma estética do ser e, em casos mais profundos, para uma continuação do ser a partir da concretização do erotismo velado.

Ao nos basear nos estudos de Eríquez (2014), vimos que o livro *Cantos de la mañana* (1910) se articula como um poemario que feminiza o movimento ao qual se inscreve. Em um primeiro momento, o leitor se encontra com uma voz que o cerca e se apodera da essência do modernismo, já que como aponta Henríquez Ureña, a poetisa “introdujo una nota de honda y sensual femineidad en la poesía modernista” (275).

Em *Visión* poema do livro *Los Cálices Vacíos* (1913), o verbo “inclinarse” é quem domina toda a estrutura do poema porque remete alusivamente a direção que o masculino vai tomar diante do corpo feminino. Comparada essa posição a vertical, é possível perceber que a consciência erótica do sujeito feminino que deseja no poema construir uma materialidade velada quando da disposição aos corpos masculino e feminino. A inclinação masculina alude a uma posição clássica e natural ou espontânea do encontro dos corpos: a mulher deita-se sob o homem, quando este, sem nenhuma questão à dominação feminina, inclina seu corpo para traduzir a ideia de querer o outro que o quer.

Outros termos que aludem ao erotismo como desejo sexual são: “cisne reverente a tu cuerpo”; “mi deseo”; “lirios de tu cuerpo”; “mis flores eróticas”. Vejam que são vários termos que compõem esse inventário linguístico para aludir ao erotismo velado, não materializado, mas insistentemente sugerido, posto em cena por uma consciência que quer refletir a beleza do encontro, o despertar do desejo de ambos, tendo a mulher como uma dicção não profana, mas evocando seu direito de falar de si ou a partir si nas relações de afeto e de desejo configuradas como eróticas. E mais uma vez a autora traz a “noche” ao início do poema, ressaltando o momento de floração do erotismo. No próximo trecho veremos a presença dos termos citados acima, e utilizados pela autora para aludir o erotismo.

...

Y era mi mirada una culebra
Apuntada entre zarzas de pestañas,
Al cisne reverente de *tu cuerpo*.
Y era *mi deseo* una culebra
Glisando entre los riscos de la sombra
A la estatua de lirios de *tu cuerpo*!
Tú te inclinabas más y más... y tanto,
Y tanto te inclinaste,
Que mis *flores eróticas son dobles*,
Y mi estrella es más grande desde entonces.
Toda tu vida se imprimió en mi vida...(grifos meus)

...

Vejamos agora o poema “Íntima” poema do *El Libro Blanco* (1907) o erotismo nesse poema pode ser compreendido como o desejo de transcendência, tanto do amor, no que se refere ao sentimento em si, “Yo te diré los sueños de mi vida/ En lo más hondo de la noche azul...” a exposição do íntimo e revelação dos sentimentos, assim como também pode corresponder aos sentidos, “Hoy abriré a tu alma el gran misterio;/Ella es capaz de penetrar en mí.” Nesse trecho, a autora traz a ideia de “misterio” como a representação do feminino, assim como a “alma” como a representação do masculino, assim como a ideia de “penetrar” é uma representação do ato sexual. E outra vez a escritora nos apresenta todos esses acontecimentos sendo realizados à noite, ressaltando esse horário duas vezes nesse poema, mostrando que esse momento erótico tem seu ápice a noite.

Como já foi dito, o sujeito lírico desses poemas são regidos pelo noturno, ou seja, os grandes acontecimentos da erótica feminina são trazidos à tona a partir do momento do obscuro, do velado, do descanso, da paz, da tranquilidade, da menor agitação. Não seria momento de refletir, mas de sentir emoção, do despertar do erótico em si. Foucault (1980), em sua *história da sexualidade*, volume 1, apresenta os conceitos de *scientia sexualis* em oposição a *ars erótica*. Quanto à primeira, fala dos discursos científicos criados para falar dos atos ou práticas sexuais que passaram a ser conhecidas pela medicina, pelo jurídico, pela psiquiatria, pela igreja. A confissão era a maior arma que esses dispositivos legais tinham para conhecer a intimidade dos sujeitos e, assim formular uma ciência do sexo.

No que diz respeito à segunda, Foucault trata o erótico não enquanto arte retida na memória, no campo do apenas desejo. Expande essa noção e atribui às práticas sexuais por prazer como uma espécie de arte, de modo que os sujeitos em suas culturas desenvolvem estratégias como de se relacionar com o outro para essa arte erótica. Evidenciamos que nos poemas aqui tratados a arte erótica foucautiana só não chega a ser realmente erótica no sentido dado por ele porque o sujeito feminino que fala em cada poema deixa estabelecido que se trata de um desejo onírico, não necessariamente um desejo realizado. E isso resulta no erotismo velado, tangenciando o místico, apesar de também necessariamente ser místico porque não correlaciona diretamente a uma vertente ou visão religiosa. O místico, aqui, surge, como diria Soares (1999), por se tratar da intimidade das mulheres, a partir de sua fala que recupera uma dimensão mística de seu corpo e é capaz de gerar vida. Vejamos um pequeno trecho desse poema:

Yo te diré los sueños de mi vida
 En lo más hondo de la noche azul...
 Mi alma desnuda temblará en tus manos,
 Sobre tus hombros pesará mi cruz.
 Las cumbres de la vida son tan solas,
 Tan solas y tan frías! Yo encerré
 Mis ansias en mí misma, y toda entera
 Como una torre de marfil me alcé.

...

Também em “Íntima”, a voz feminina falante apresenta a manifestação do prazer meio reprimido por ela mesma. E volta a apontar uma extensão delirante, entre o imaginário e uma intensa atividade e o excêntrico, onde se satisfaz o desejo: tal experiência permite uma grande viagem ao interior de si mesma e possibilita repassar o circunstancial. E essa experiência denota, para nos, o misticismo

presente na poesia da autora em estudo. Ela traz essa dicção feminina para falar do corpo e do desejo feminino.

Como vimos nos poemas apresentados até agora, a autora Delmira Agustini dirige seu olhar para um erotismo muito pessoal e subjetivo, tratando de um desejo íntimo, como algo singular, sem recorrer a vulgaridade que outros leitores, ou olhares poderiam apontar: falar do desejo, de modo explícito ou de modo velado. Pode ser que os dois modos também estejam presentes em uma mesma dicção. O inventário linguístico com o qual trabalha denota essa escolha, lexical utilizada para expor esse erotismo singular e de si, como um modo de não profanar seu corpo com um inventário linguístico já constituído e esperado por pessoas feitas a essas discussões. Seus poemas são como pequenas peças metafóricas repletas de sensualidade, que levam o sexo e o amor a um plano tão elevado como o plano sagrado, tornando o desejo místico e distante de uma vulgaridade do sexo.

4.1 Análise do poema “LA COPA DEL AMOR” (Los cálices vacíos, 1913)

Talvez um a caso singular na poesia a meados do século XX no modernismo hispano americano onde já haviam ouvido falar das grandes vozes femininas como Delmira Agustini, Afonsina Storni, Gabriela Minstral y Juana de Ibarburú. Podemos dizer que entre essas autoras, Delmira Agustini tem certo sentido de estima, já que nela, assim como em outras autoras, se desperta a preocupação pela personalidade, de ser autêntica, o gosto pelo sentimental e o modo de eleger as palavras, em detrimento do racional.

O poema que será analisado é *la copa del amor*, que é composto por 28 (vinte e oito) versos que estão organizados em 7 (sete) estrofes, vale ressaltar essas informações para que mais adiante possamos entender a análise da forma e do conteúdo.

Um poema do terceiro livro da autora, “La copa de amor” onde as representações eróticas da libido identificam o coito como uma maneira de comunicação sagrada. No poema, a voz enunciadora feminina oferece “La copa del amor” (signo erógeno) ao amado. Vejamos a primera estrofa:

Bebamos juntos en la copa egregia!
Raro licor se ofrenda á nuestras almas.
Abran mis rosas su frescura regia
A la sombra indeleble de tus palmas!

...

Na primeira estrofe identificamos o sentido de compartilhar através das palavras “juntos” e “nuestra”. No terceiro verso “abran mis rosas su frescura regia” a presença da satisfação de desejo feminino no imaginário e em concreto, e também a representação do sexo feminino. A todo o tempo, a ideia de “frescura regia” nos remete a um sentir real, um sentir prazer, satisfação que se dá através de um desejo erótico feminino. Observe-se que o inventário linguístico é de grande importância para o leitor ir construindo hipóteses de leitura centradas em um mesmo campo semântico.

No verso quatro vemos o elemento “sombra indeleble” que tem um significado de graça e causa desta condição, apresenta também uma ideia de algo indestrutível para ela, talvez seja porque a palavra “palmas” nos remeta ao masculino (o falo) que projeta essa sombra indestrutível por irradiar à amada uma luz perene, talvez pelo fato do amado ser uma ilusão fantasmal do desejo feminino no qual ela tem como motivo de aclamação.

Vejam agora a segunda estrofe onde a autora, no primeiro verso, apresenta o verbo “despertase” como algo que trouxe uma renovação para a “alma adormecida” que nesse adormecer se encontrava só, perdida, podemos dizer que sem rumo. Segundo Bataille (1987), no erotismo existe uma perda do ser, mas ao mesmo tempo uma identificação do indivíduo que se perde. Vejamos:

Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas nesse momento o indivíduo identifica-se com o objeto que se perde. Se for preciso, posso dizer que, no erotismo, EU me perco. Não é, sem dúvida, uma situação privilegiada. Mas a perda voluntária implicada no erotismo é flagrante. (BATAILLE, 1987. p. 21)

Esse despertar, é como parte de uma experiência interior do ser que Delmira Agustini expressa em seus versos como um desejo, talvez já vivenciado ou sentido por ela. Para o segundo verso dessa mesma estrofe ela nos leva a pensar na morte, quando apresenta no segundo verso a palavra “tumba”, e o que a morte tem a ver com o erotismo, vai explicar Bataille (1987) quando fala que o erotismo é um tipo de aprovação da vida até a morte. Quando Bataille nos apresenta essa ideia, deixa claro que é uma definição dada por ele mesmo a respeito do erotismo, pois ele entende que somos seres descontínuos e que para chegarmos à vida algo tem que morrer, deixamos nossa individualidade para fazer parte de um novo ser, e os dois se tornam um.

Tú despertaste mi alma adormecida
En la tumba silente de las horas;
A tí la primer sangre de mi vida
¡En los vasos de luz de mis auroras!

No último verso vemos a palavra “luz” como simbologia religiosa, ao sagrado, onde Bataille apresenta em seu livro como a ideia de santidade assemelhando ao erotismo causam uma intensidade extrema no indivíduo. Não apenas a simbologia religiosa, mas também a essa visão que é acompanhada de uma imagem de morte, de inércia, do sem vida, quando alude a “alma adormecida en la tumba silente de las horas”. Percebemos um transitar linguístico entre o fervor (conteúdo) do erotismo feminino e sua comparação com um estado anterior de inatividade, de sequestro de desejo, de no atividade libidinal.

Nessa próxima estrofe a escritora nos apresenta um texto com muitas referências poéticas, com rimas consonantes usando as palavras “oro”/ “lloro” e “rompiste”/“abriste”. Os versos seguem um caminho que vai até o auto conhecimento e leva a um contato com a natureza. Soares (1999) nos diz que o erotismo leva ao auto conhecimento e não apenas isso, mas também ao conhecimento do outro. Delmira Agustini se reconhece, se nota isso porque a maneira como ela descreve a forma que se encontrava nos versos “mis lóbregos silencios” também no verso “mi lloro” os pronomes possessivos “mis” e “mi” nos faz entender que ela está falando de algo pessoal, como já foi dito, da forma como se sentia.

Ah! tu voz vino á recamar de oro
 Mis lóbregos silencios; tú rompiste
 El gran hilo de perlas de mi lloro,
 Y al sol naciente mi horizonte abriste.

Na estrofe abaixo vemos uma paixão intensamente ardente da voz feminina que se entrega para o amado. Essa entrega se dá desde o primeiro verso quando ela usa a palavras “por ti” até o último quando ela usa “Yo te abro el alma como un cielo azul”. Vemos a entrega não apenas e íntimo do carnal, mas uma entrega completa de corpo e alma, assim uma conquista de uma identidade compartilhada com o amado fazendo o fortalecimento de sue íntimo. Novamente o regime noturno encontra, agora, contraste com o regime diurno requerido na estrofe. Todavia, o noturno é feminino e o diurno (céu azul), masculino.

Por tí, en mi oriente nocturnal, la aurora
 Tendió el temblor rosado de su tul;
 Así en las sombras de la vida ahora,
 Yo te abro el alma como un cielo azul!

Na estrofe que segue, vemos a presença de diversos elementos eróticos, desde o primeiro verso que a autora escreve “yo me siento abrir”, no segundo verso o convite ao amado para provar de seus “mieles” e o mel numa linguagem metafórica é uma busca pela realidade, ou seja, é como se ela quisesse levar essa projeção do ser amado para sua realidade. No terceiro verso ela se entrega para o amado “Yo soy como la copa de amor”, mas não se trata de qualquer copa, é uma “pomposa”, ou seja, luxuosa, ela oferece seu melhor para seu amado. No último verso ela volta ao desejo de fantasia através de uma projeção de ser perfeito, ou até mesmo divino quando põe a palavra “sobrehumana”.

Culturas ocidentais tem a imagem da flor e do mel (ou néctar) como elementos representativos do erótico, quando trabalhado nesta chave de leitura. A imagem dos genitais feminino é bastante representada pela flor, rosa, de uma flor que recebe a abelha o beija-flor para fazer o encontro amoroso de um que se abre o deixa abrir pelo outro, masculino e feminino em consonância com um erotismo que tangencia tanto o físico quanto o espiritual. O mel ou néctar, em si, é uma imagem decorrente dos líquidos dos genitais feminino usando metaforicamente neste sentido.

¡Ah yo me siento abrir como una rosa!
 Ven á beber mis mieles soberanas:
 ¡Yo soy la copa del amor pomposa
 Que engarzará en tus manos sobrehumanas!

Nesta sexta estrofe Agustini, como já havia se classificado como a própria “copa de amor” na estrofe anterior, nesta ela não apenas retoma sua voz, como também expressa todo o seu desejo desde o primeiro verso até o ultimo. Vejamos, como já foi dito “soy la copa”, copa essa que “erige”, ela ao usar essa palavra nos remete a palavra erguer e esse que ela como “la copa” ergue é como se fosse um falo (o penis) que ergue “con su esplendor” apresentando ainda neste verso uma

santidade e paixão intensa e ardente que é fácil de identificar através da palavra “llama” o calor que ela está sentindo nesse momento de realização erótica.

Neste segundo verso, ainda na mesma estrofe, ela nos põe diante da palavra “mano” um elemento pelo qual se configura o objeto de desejo. Já no terceiro e quarto versos, versos esses que se completam, ela nos apresenta mais dois elementos pelo qual vai se configurar objeto de desejo erótico “dedos” e “labios”, além disso ela dá características ao ser amado fantasmal “se misteriosa exquisitez” indicando assim a forma como quer ser tratada, com delicadeza.

La copa erige su esplendor de llama...
 ¡Con que hechizo en tus manos brillaría!
 Su misteriosa exquisitez reclama
 Dedos de ensueño y labios de armonía.

Neste próximo verso além da imagem do cáliz, a simbologia religiosa vem interpretada pelos elementos “luz” (penetrante) / “sombra” (penetrável), são ideias que nos remete respectivamente ao masculino e ao feminino, se bem como um ritual de união, cuja continuidade recorre onde os elementos dos dois parecem se unir uma ao outro sem nenhum tipo de saudação, se inverte nas condições de (rosas da “aurora” é da amada e “sombra indeleble” do amado) de “las rosas de mi aurora” representa o broto de uma nova vida – é a regeneração metafórica que provoca a união carnal como todo rito litúrgico em si – e em concreto representa o sexo feminino. Portanto, “marchítense las rosas de mi aurora” é que para que volte a florescer, e assim se volte a repetir o ritual de união carnal.

Tómala y bebe, que la gloria dora
 El idilio de luz de nuestras almas;
 ¡Marchítense las rosas de mi aurora
 A la sombra indeleble de tus palmas!

Ao fim da leitura percebesse que o erotismo da autora destila no poema em análise um modo específico de compor poemas relacionados à subjetividade íntima do feminino que abraça a causa do corpo, do prazer, e fala com se fosse em segredo, silenciosamente, uma dicção clama, metafórica, velada sobre questões de si que penetram o desejo, o erótico, o prazer. Tudo isso tem a ver com a visão de mundo do sujeito com o corpo e a libido, como também sobre a força que a linguagem tem para por um sujeito vivendo em um contexto histórico de opressão feminina implodir em metáforas ardentes e voluptuosas.

6 CONCLUSÃO

Ao termino da leitura dos poemas dados, refletimos sobre o erotismo sexual e místico ou sagrado da autora selecionada cuja obras compõem o corpus de análise desse artigo, percebemos que os poemas da autora Delmira Agustini, reiteram uma linguagem mística e velada quanto ao erotismo em razão aos papéis de gênero vigentes à época de publicação e vivência dos livros. Como se tratam de obras escritas em contextos machistas e de base patriarcal, que tornavam a mulher como

objeto e depositário do corpo feminino para a “fabricação de filhos”, seria natural a tendência de calar mulheres quanto às questões do corpo e desejo.

Apesar da instrução e da experiência de vida, mulheres inseridas nesses contextos sociais dificilmente encontrariam ou encontram saídas menos drásticas para que possam realizar uma imagem baseada na autonomia e na independência. Seria até meio absurdo pensar na independência feminina nesses contextos. Talvez um pouco mais de liberação de determinadas amarras ideológicas fosse o mais coerente para se falar.

Neste sentido, optar por um erotismo velado, por uma linguagem contida e metafórica, por uma relação de amor e sexo, na base mística traduz um pensamento da época que pode estar refletido nos poemas. É uma hipótese de leitura. Isso se dá porque ao não poder falar claramente sobre si e seus desejos em contextos sociais, muitas vezes, e quase sempre, as mulheres do contexto histórico ao qual nos referimos tiveram como que sequestrados seus discursos e para que pudessem falar por si e de si, desenvolveram estratégias capazes de se fazer escutar, se fazer ler e se fazerem ser discutidas.

O erotismo místico não surge unicamente como uma criação manifestada pela escrita de mulheres. Torne-se uma estratégia de fugir do domínio masculino, poder falar de seu corpo, de seu sexo e de seus desejos, a partir de uma linguagem metaforizada, não direta selecionando um inventário linguístico para não ter seu texto censurado, a linguagem cortada e suas ideias jogadas fora.

É nesse sentido que a opção pelo erotismo místico não causa rumores nos leitores conservadores, da época, porque centrados em uma perspectiva fora ou longe da materialização, do atrito dos corpos. Pura enganação, porque a *ars erótica*, como a definiu Foucault (1980), tende tanto para uma criação e construção elaborada a partir das singularidades, daquele que é mais partícula e íntimo de cada um, como também tem para essa questão mais geral que é tratar o sexo como natural, em sua espontaneidade diária. Para as mulheres do contexto histórico ao qual nos referimos, se apropriar de uma linguagem direta e referencial foi o caminho encontrado, porque elas encontram na linguagem metaforizada uma rota de fuga que permite que não sejam silenciadas.

Trazer a mostra o corpo sexuado a partir do misticismo também é outra questão que faz refletir no social da época. Que ainda, impregnadas de toda uma educação saturada de valorização patriarcal e machista, que põe as mulheres como obrigatoriamente tendo suas existências para a prática do sexo para a reprodução, desvinculadas dessas práticas de prazer, elas ainda se convencem desse atributo materno, do ideal, do corpo perfeito, belo e feminino para o homem como se fosse uma verdade incontestada ou como uma verdade cuja a estrutura mental é difícil de se livrar. Ai o pensar e escrever sobre o prazer místico do corpo, sobre o gozo quase extático como o de Santa Tereza D’Avila, cujo corpo encontrava no outro (masculino) seu ideal de gozo, mas isso feito de modo “espiritual”, carnalizando o outro na imaginação.

De uma maneira ou de outra, o potencial da escrita da autora estudada demonstra uma libertação das amarras sociais que tinha de outra forma. Mesmo de modo velado, o erótico não foi sequestrado, mas dado cabo para que a linguagem retivesse e remetesse ao desejo físico como caminho também para a felicidade, porque o sujeito humano e, acima de tudo, uma espécie hedonista que cuida de si, que busca a felicidade de si no encontro com o outro, quando se trata de relações eróticas. Foi dessa maneira que percebemos a poesia de uma das mais renomadas escritoras de Uruguai, Delmira Agustini.

REFERÊNCIAS

ANDERO, Juan. GUARDIA, Sara Beatriz. Historia de las Mujeres en America Latina. (compilación y edición). Perú: Centro de Estudio de la Mujer en la Historia de America Latina, CEMHAL; Murcia: Departamento de Historia Moderna, Contemporanea y America, Universidad de Murcia, España, 2002. LIVRO

BARRÁN, José Pedro. URUGUAY SIGLO XX. 1995. Disponible en: <https://www.rau.edu.uy/uruguay/historia/Uy.hist4.htm>. Acceso en: 27/06/2019. SITE

BATAILLE, Georges. O erotismo. tradução de Antonio Carlos Viana. — Porto Alegre: L&PM, 1987. LIVRO

BRACAMONTES, Lucía. Mujeres, trabajo y educación A principio del siglo XX: las maestras en la prensa católica del sudoeste bonaerense argentino. In. Diálogos, Revista Electrónica de Historia. Vol. 12 n. 1. San Pedro Aug. 2011. Disponible en: https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-469X2011000100005 acceso en: 28/06/2019

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan*: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2010.

CASTELLO BRANCO, Lúcia Castello. O que é erotismo. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Significados de erotismo: <https://www.dicio.com.br/erotismo/>

Escritores.org. Biografía: Delmira Agustini. 2013. Disponible en: <https://www.escritores.org/biografias/411-delmira-agustini> accesa en: 28/06/2019

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FRANCONI, Rodolfo A. *Erotismo e poder na ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume, 1997.

Henríquez Ureña, Camila. “Delmira Agustini: el ensayo de interpretación biográfica”. Lyceum 2. 1936. 233-250. Impreso.

LANIERI, Morena Carla. El imaginario erótico femenino em Delmira Agustini y Alfonsina Storni. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/literatura/aispi/pdf/15/15_421.pdf.

LIMA, Luiz Costa. A análise sociológica da literatura. In: *Teoria da literatura em suas fontes*. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p.659-689.

MACHADO, Jessica de Figueiredo. OS CÁLICES VAZIOS: tradução e erotismo em Delmira Agustini / Jessica de Figueiredo Machado. – 2017. DISSERTAÇÃO

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1968.

MARTÍNEZ, Cristiano. Delmira Agustini Poesía Completa. Edición digital.

MORAES, Eliane R; LAPEIZ, Sandra M. *O que é pornografia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PLAN CEBAL/FORMACIÓN. Se promulga en Uruguay la ley de divorcio. 2015. Disponible en: <https://blogs.ceibal.edu.uy/formacion/event/divorcio-femenino/> acceso en: 28/06/2019.

SOARES, Angélica. *A Paixão Emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira*. Rio de Janeiro. DIFEL, 1999.

STUDART, Heloneida. *Mulher objeto de cama e mesa*. 14º edição. Editora vozes. Petrópolis, RJ. 1983. LIVRO

ANEXO A – EL INTRUSO

Amor, la noche estaba trágica y sollozante

Cuando tu llave de oro cantó en mi cerradura;
Luego, la puerta abierta sobre la sombra helante,
Tu forma fué una mancha de luz y deblancura.

....

.

Todo aquí lo alumbraron tus ojos de diamante;
Bebieron en mi copa tus labios defrescura,
Y descansó en mi almohada tu cabezafragante;
Me encantó tu descaro y adoré tu locura.

....

.

Y hoy río si tú ríes, y canto si tú cantas;
Y si tú duermes duermo como un perro á tus plantas!
Hoy llevo hasta en mi sombra tu olor de primavera;
Y tiemblo si tu mano toca lacerradura,
Y bendigo la noche sollozante y oscura
Que floreció en mi vida tu bocatempranera!

ANEXO B – VISIÓN

¿Acaso fue en un marco de ilusión,
 En el profundo espejo del deseo,
 O fue divina y simplemente en vida
 Que yo te vi velar mi sueño la otra noche?
 En mi alcoba agrandada de soledad y miedo,
 Taciturno a mi lado apareciste
 Como un hongo gigante, muerto y vivo,
 Brotado en los rincones de las noches
 Húmedos de silencio,
 Y engrasados de sombra y soledad.
 Te inclinabas a mí supremamente,
 Como a la copa de cristal de un lago
 Sobre el mantel de fuego del desierto;
 Te inclinabas a mí, como un enfermo
 De la vida a los opios infalibles
 Y a las vendas de piedra de la Muerte;
 Te inclinabas a mí como el creyente
 A la oblea de cielo de la hostia...
 —Gota de nieve con sabor de estrellas
 Que alimenta los lirios de la Carne,
 Chispa de Dios que estrella los espíritus—.
 Te inclinabas a mí como el gran sauce
 De la Melancolía
 A las hondas lagunas del silencio;
 Te inclinabas a mí como la torre
 De mármol del Orgullo,
 Minada por un monstruo de tristeza,
 A la hermana solemne de su sombra...
 Te inclinabas a mí como si fuera
 Mi cuerpo la inicial de tu destino
 En la página oscura de mi lecho;
 Te inclinabas a mí como al milagro
 De una ventana abierta al más allá.
 ¡Y te inclinabas más que todo eso!

Y era mi mirada una culebra
 Apuntada entre zarzas de pestañas,
 Al cisne reverente de tu cuerpo.
 Y era mi deseo una culebra
 Glisando entre los riscos de la sombra
 A la estatua de lirios de tu cuerpo!
 Tú te inclinabas más y más... y tanto,
 Y tanto te inclinaste,
 Que mis flores eróticas son dobles,
 Y mi estrella es más grande desde entonces.
 Toda tu vida se imprimió en mi vida...

Yo esperaba suspensa el aletazo
Del abrazo magnífico; un abrazo
De cuatro brazos que la gloria viste
De fiebre y de milagro, será un vuelo!
Y pueden ser los hechizados brazos
Cuatro raíces de una raza nueva:
Y esperaba suspensa el aletazo
Del abrazo magnífico...
¡Y cuando,
te abrí los ojos como un alma, vi
Que te hacías atrás y te envolvías
En yo no sé qué pliegue inmenso de la sombra!

ANEXO C – VISIÓN

Yo te diré los sueños de mi vida
En lo más hondo de la noche azul...
Mi alma desnuda temblará en tus manos,
Sobre tus hombros pesará mi cruz.
Las cumbres de la vida son tan solas,
Tan solas y tan frías! Yo encerré
Mis ansias en mí misma, y toda entera
Como una torre de marfil me alcé.
Hoy abriré a tu alma el gran misterio;
Ella es capaz de penetrar en mí.
En el silencio hay vértigos de abismo:
Yo vacilaba, me sostengo en ti.
Muero de ensueños; beberé en tus fuentes
Puras y frescas la verdad: yo sé
Que está en el fondo magno de tu pecho
El manantial que vencerá mi sed.
Y sé que en nuestras vidas se produjo
El milagro inefable del reflejo...
En el silencio de la noche mi alma
Llega a la tuya como un gran espejo.
Imagina el amor que habré sonado
En la tumba glacial de mi silencio!
Más grande que la vida, más que el sueño,
Bajo el azur sin fin se sintió preso.
Imagina mi amor, mi amor que quiere
Vida imposible, vida sobrehumana,
Tú que sabes si pesan, si consumen
Alma y sueños de Olimpo en carne humana.
Y cuando frente al alma que sentía
Poco el azur para bañar sus alas,
Como un gran horizonte auriso lado
O una playa de luz, se abrió tu alma:
¡Imagina! ¡Estrechar vivo, radiante
El imposible! ¡La ilusión vivida!
Bendije a Dios, al sol, la flor, el aire,
¡La vida toda porque tú eras vida!
Si con angustia yo compré esta dicha,
¡Bendito el llanto que manchó mis ojos!
¡Todas las llagas del pasado ríen
Al sol naciente por sus labios rojos!
¡Ah! tú sabrás mi amor, mas vamos lejos,
A través de la noche florecida;
Acá lo humano asusta, acá se oye,
Se ve, se siente sin cesar la vida.
Vamos más lejos en la noche, vamos
Donde ni un eco repercute en mí,
Como una flor nocturna allá en la sombra
Yo abriré dulcemente para ti.

ANEXO D – A COPA DELAMOR

Bebamos juntos en la copa egregia !
Raro licor se ofrenda á nuestras almas.
Abran mis rosas su frescura regia
A la sombra indeleble de tus palmas!

....

Tú despertaste mi alma adormecida
En la tumba silente de las horas;
A tí la primer sangre de mi vida
¡En los vasos de luz de mis auroras!

Ah ! tu voz vino á recamar de oro
Mis lóbregos silencios; tú rompiste
El gran hilo de perlas de mi lloro,
Y al sol naciente mi horizonte abriste.

Por tí, en mi oriente nocturnal, la aurora
Tendió el temblor rosado de su tul;
Así en las sombras de la vida ahora,
Yo te abro el alma como un cielo azul!

¡Ah yo me siento abrir como una rosa!
Ven á beber mis mieles soberanas:
¡Yo soy la copa del amor pomposa
Que engarzará en tus manos sobrehumanas!

.
La copa erige su esplendor dellama...
¡Con que hechizo en tus manos brillaría !
Su misteriosa exquisitezreclama
Dedos de ensueño y labios dearmonía.

....

.
Tómala y bebe, que la gloria dora
El idilio de luz de nuestras almas;
¡Marchítense las rosas de mi aurora
A la sombra indeleble de tus palmas!

AGRADECIMENTOS

A Universidade Estadual da Paraíba, especificamente ao Curso de Letras Espanhol, seu corpo docente, coordenação e departamento que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes. As coordenadoras do curso de letras espanhol Cristina e Luciene, por toda a disposição e ajuda no que me era precisa dentro do curso.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antônio de Pádua, por toda ajuda, apoio e suporte na elaboração de trabalho no pouquíssimo tempo que lhe coube, por suas correções, orientações, incentivo e diversos “puxões de orelha”. Tenho certeza que sem sua orientação esse trabalho não teria ficado tão estruturado quanto se mostra. Agradeço por todas as leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

À Prof. Dra. Gilda Carneiro, não apenas por compor essa banca, mas também pelas diversas oportunidades que me deu dentro da universidade, eu tenho um carinho, respeito e uma grande admiração por essa Mulher Incrível. Ao Prof. Mestre Alessandro Giordano, por ter aceitado o convite de fazer parte da banca e por ter me acompanhado, praticamente, por quase toda graduação como meu professor não apenas no Curso de Letras Espanhol, mas também no grego, italiano e nos cursos de literatura ministrados por ele.

Agradeço por toda paciência que ele teve comigo e deixou registrado, aqui, o quanto o admiro como Professor incrível que ele é, e também pelo grande homem e amigo que a graduação me deu. Ao Prof. Thales Lamonier, o nascimento desse trabalho se deu graças a ele, que em uma de suas disciplinas me apresentou a autora aqui trabalhada, gostaria de agradecer-lho não apenas por isso, mas também por todo conhecimento passado em suas aulas. Saiba que tenho uma grande admiração por você.

A minha família que mesmo não estando aqui presente, me deu total apoio e motivação para estar e chegar aqui. Serei eternamente grato por tê-los em minha vida. Marileide de Assis, Thalita Marinho, Taciana Marinho, Eduarda Silva, vocês são as mulheres da minha vida, agradeço a vocês e dedico esse trabalho a cada uma.

Agradeço à família que Deus me deu, por ter me acompanhado e estado ao meu lado em cada momento difícil, alegre, a cada conquista, a cada sorriso dado ao meu lado, por me permitirem compartilhar de cada realização minha dentro dessa universidade. Agradeço não apenas por me ouvirem falar da universidade, mas também por estarem ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida, servindo como pilar e me sustento, até nos momentos que pensei em desistir. Agradeço a vocês, Paloma Souza, Ágatha Eishyla, Jussara Alves, Uberdam Andrade e Rauan Batista. Muito obrigado por permitirem me deixar entrar na vida de vocês, e também agradecer aos meus demais amigos que estão sempre torcendo e comemorando comigo cada conquista alcançada.

Quero agradecer também a cada um da minha turma, Erica Emilia, Aluska Camila, Edlene Silva, Thaise Uchoa, Maria Lucia, Esdra Santos, Renan, Joelida Francielly e Carlos Aurelio. por todos os momentos felizes e divertidos proporcionado durante esses 3 anos e meio que estivemos estudando juntos, foi maravilhoso conhecer cada um de vocês. Sou grato a todos por fazerem parte desse momento único e realizador da minha vida. Agradecer até mesmo

aqueles que desistiram no meio dessa jornada, por, de alguma maneira ter agregado alguma experiência ou ensinamento em minha vida.